

EDITORIAL

**VIOLÊNCIAS E EDUCAÇÃO: RESISTÊNCIAS E
INVENTIVIDADES AO PÂNICO MORAL, AOS ATAQUES NAS
MÍDIAS E AS AMEAÇAS ÀS ESCOLAS**

Rachel Pulcino¹
Anderson Ferrari²
Pedro Teixeira³

Nos últimos anos temos assistido, vivenciado e sofrido diferentes formas de violências na Educação. Podemos citar como algumas dessas violências o desmonte das políticas públicas voltadas para o atendimento das minorias, as perseguições às pautas dos Direitos Humanos e das discussões de gênero e sexualidade nos documentos como Base Nacional Comum Curricular (BNCC), o incentivo a filmagens e ameaças a professores e professoras acusados de doutrinadores, as agressões físicas ao corpo docente, a despolitização do ensino médio como investimento num tipo de sujeito acríptico a partir da Reforma do Novo Ensino Médio, os insistentes e crescentes cortes de verbas e de incentivo à pesquisa nas Universidades públicas e, mais recentemente, a escalada de ataques e mortes nas escolas que tem produzido o medo e a insegurança. Um conjunto amplo que envolve diferentes espaços sociais, não somente o interior das escolas e universidades, mas também as mídias e espaços públicos.

No entanto, essas violências não estão servindo para calar e, tampouco, para acabar com as discussões. Muito pelo contrário, elas têm contribuído para refutar a repressão, fomentando a produção de conhecimento, incentivando pesquisas, construindo resistências criativas e inventivas. Assim, podemos afirmar que as violências não produzem somente medos e inseguranças, mas também resistências e

¹ Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), Pós-Doutora pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), bolsista CNPq. E-mail: rachelpulcino@gmail.com

² Doutor em Educação e professor no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). E-mail: anderson.ferrari@ufjf.br

³ Doutor em Educação e professor do Programa de Pós-Graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). E-mail: pedro.teixeira@puc-rio.br

vidas, porque dizem de criações de possíveis nessas relações de força e de poder. Esse cenário recente nos convoca ao enfrentamento a formas de ação que não se limitam a somente “dizer não”. Ele une diferentes campos do conhecimento numa incitação à produção de resistências que vão para além do não, para além da reação, em movimentos que invistam na criação e na inventividade como afirmação da vida. Campos como currículo, formação docente, gênero e sexualidade, educação infantil, raça e etnia, arte educação, enfim, diferentes áreas do conhecimento estão resistindo e problematizando as relações de poder que organizam o que chamamos de realidade.

Foi pensando nessas articulações que propomos e organizamos essa Chamada Temática intitulada “VIOLÊNCIAS E EDUCAÇÃO: RESISTÊNCIAS E INVENTIVIDADES AO PÂNICO MORAL, AOS ATAQUES NAS MÍDIAS E AS AMEAÇAS ÀS ESCOLAS”, que tem como objetivo tomar conhecimento e divulgar a produção de imagens, de conhecimento, a problematização, a resistência e a inventividade do campo da educação como forma enfrentar as violências que nos assolam. Uma Chamada Temática que busca estabelecer relações entre as violências, as imagens e a educação abre diversas possibilidades de interface dando lugar a complexidade das interseções entre sociedade, cultura e história.

Considerando ainda que essas violências dizem de um cenário que ultrapassa as fronteiras geográficas, queremos incluir a produção das resistências e inventividades em outros países que também têm enfrentado essa onda de conservadorismo e de extrema direita nas suas investidas contra a educação democrática. Por último é importante reforçar nosso entendimento de que uma Chamada Temática cumpre uma função para além das questões acadêmicas, ampliando o sentido de educação para todo processo de constituição dos sujeitos, de tal forma, que esse editorial temático sobre as violências e imagens também é uma possibilidade de trazer trabalhos que discutam as relações de gênero e sexualidade, as questões de raça e etnia, a ação e organização das pautas dos movimentos sociais e a construção dos sujeitos em seus múltiplos aspectos.

Assim, essa chamada temática serviu, ao mesmo tempo, como uma provocação e como um convite a pesquisadores e pesquisadoras de diferentes campos do conhecimento, de distintas perspectivas teórico-metodológicas a se interrogarem sobre

esse cenário atual de resistências, de enfrentamentos e de inventividades às violências, ao pânico moral e às ameaças às escolas afirmando nossas capacidades de produção de outras realidades e de aposta ao campo da Educação como lugar de problematização daquilo que chamamos de realidade. Essa Chamada Temática é um investimento na produção do conhecimento como forma de multiplicar os sentidos, as problematizações, as experiências e, assim, fazer circular, compartilhar e espalhar outras imagens de educação.

Atendente a essa convocatória, muitos autores e autoras encaminharam artigos que foram aprovados para esse editorial, o que nos obrigou a fazer uma seleção para a composição dessa Chamada Temática. Do total de dezoito artigos encaminhados e aprovados, selecionamos dez artigos que, no seu conjunto, traçam um retrato analítico do atual cenário dos enfrentamentos que temos vivenciado nas escolas. São esses artigos que agora passamos a apresentar. São oito artigos de pesquisadores e pesquisadoras brasileiras de diferentes regiões do país e dois artigos de argentinos, o que nos possibilita supor que esse quadro de ameaças ultrapassa fronteiras, resultado do avanço do conservadorismo e das pautas da extrema direita que nos incita a pensar as continuidades e descontinuidades em diferentes países. No seu conjunto acreditamos que essa troca de situações, de utilização de teóricos e teóricas, de perspectiva teórico-metodológica, de análises vai constituindo uma trama de composições e interlocuções que fortalece o intuito principal da Chamada Temática que é potencializar e multiplicar as possibilidades de resistências e inventividades que nos façam avançar para além do simplesmente dizer “não”, mas apostar na afirmação da vida e da diversidade.

No texto que abre nossa Chamada Temática - “Violências e cultura de paz nas escolas: resistências a partir do projeto de lei (PL) n. 1.482/2023” -, as autoras Crislaine Bento Gomes e Camila Maria Bortot apostam não somente nas problematizações das violências nas escolas, mas, principalmente, na escola como espaço de implementação de práticas e políticas de uma cultura de paz capaz de modificar os índices de violência. Trata-se de uma pesquisa documental com foco no projeto de lei 1.482/2023 considerado como fundamental para a criação de um ambiente escolar mais seguro para o desenvolvimento acadêmico e emocional dos estudantes, de tal forma que o artigo

entende que a escola não é somente um espaço de conhecimento, mas também de sociabilidade. Dizer que a escola é um espaço de sociabilidade convoca a pensar que projeto de sociabilidade ela defende, conjuntamente com o projeto de conhecimento. A cultura de paz só parece possível diante da associação desses dois projetos para uma sociedade mais pacífica e equitativa, como defendem as autoras.

Em seguida, encontramos o artigo intitulado “Ataques em escolas e o discurso de ódio entre jovens: impactos e reflexões, de autoria da pesquisadora Marcela de Oliveira Nunes. O artigo parte de uma constatação lamentável: o aumento dos casos de violências e ataques às escolas a partir de 2017. Ataques realizados por jovens estudantes a outros colegas, de tal forma que essa organização da violência é o foco da análise destinada a pensar e a colocar sob investigação as relações entre os discursos de ódio e a juventude brasileira. Neste caminho de análise a autora vai tratar de diferentes explicações para esse fenômeno, desde as justificativas pelas práticas de *bullying* ao avanço de grupos extremistas entre os jovens brasileiros. Selecionando cinco casos de ataques às escolas ocorridos no Brasil, as análises se concentrarão no uso de fontes secundárias, de documentos e de materiais produzidos pelos jovens que cometeram as violências. Com base nesses materiais a autora levanta duas grandes conclusões. A primeira é que esses jovens colocam em ação a prática de *copycat crimes*, ou seja, uma prática de crimes inspirados em crimes anteriores, no caso analisado, a tragédia de Columbine e as práticas nazistas. A segunda consideração é a constatação de uma miscelânea de discursos de ódio fomentados por atores antidemocráticos em grupos na internet.

A partir da fala de uma professora – “Eu estou sendo temida, eu sou a professora bicho papão” – as autoras Lara Torrada Pereira, Paula Regina Ribeiro e Juliana Lapa Rizza se dedicam a problematizar os encontros entre gênero, sexualidade e educação menores na Educação Infantil. São as narrativas de professoras de um município do interior do Rio Grande do Sul que são tomadas como foco de análise para trazer à tona algumas experiências que emergem do cotidiano escolar e que permitem colocar em discussão o conceito de educação menor e suas potencialidades para o debate das questões de gênero e sexualidade. Para as autoras, a força desses acontecimentos

escolares está na possibilidade de transformação no coletivo. As professoras produzem resistências individuais e coletivas a partir da observação e da escuta das crianças que “cavam brechas para que o menor seja acionado no espaço da escola”.

O quarto artigo concentra as análises nas violências cometidas por homens nas escolas. Com o título “Violência nas escolas: homens atacam com armas em punho”, os autores Márcio de Oliveira, Reginaldo Peixoto, Jefferson Araújo do Nascimento e Erivelto Carlos Silva tomam o gênero como uma categoria de análise das violências ocorridas em escolas brasileiras. Resultado de uma pesquisa de caráter exploratório, o artigo busca colocar em discussão as condições de existência das relações entre gênero e violência, sobretudo no que diz respeito aos envolvimento dos homens a partir dos anos 2000. Como contribuição para área das relações de gênero e sexualidade, os autores defendem que a violência é um fator cultural, parte da constituição dos espaços sociais, incluindo as escolas, resultando em prejuízo para todo contexto escolar.

Demonstrando que as questões das violências e dos ataques às escolas ultrapassam fronteiras, temos o artigo de Miguel Angel Jara e Daniel Tomas Portela, pesquisadores argentinos que assinam o artigo intitulado “Formar cidadanías críticas y democráticas en tiempo de violencia en las redes sociales. desafíos en la enseñanza de las ciencias sociales y humanidades”. Um texto que parte da constatação de que vivemos num mundo interligado, vertiginoso e complexo. Mais do que isso, os autores defendem que a violência é uma parte dessa complexidade. Entendida como uma prática social, é a violência como resultado do negacionismo e do discurso de ódio que é tomada como foco e como desafio para a formação de cidadãos críticos e democráticos. Neste sentido, a escola é vista como um local estratégico para a construção de resistências advindas de materiais didáticos como fontes para a compreensão dos problemas sociais que nos provocam o pensamento crítico. Uma contribuição importante do artigo é quando os autores argumentam que os discursos violentos são formas de fazer política da nova direita argentina. No entanto, os autores não se limitam a essa constatação, mas para além dela, apostam na dimensão epistemológica para refletir e enfrentar a violência nas escolas e nas redes sociais.

O suicídio de estudantes LGBTI+ nas escolas é uma das consequências nefastas das violências entre os gêneros. É sobre esse grave problema que Silvana Arantes da Silva e Fernando Oliveira da Silva se debruçam para escrever sobre as “Problematizações sobre a prevenção do suicídio de estudantes LGBTI+ nas escolas”. Resultado de uma pesquisa de mestrado em educação, o artigo toma como foco a seguinte questão a ser investigada: qual a relação da escola e a prevenção do suicídio de estudantes LGBTI+? Uma questão atual e candente para o campo das relações de gênero, sexualidade e educação. A escola é vista, criticamente, como espaço de reprodução de violências LGBTI+fóbicas, que resultam em práticas de autolesão e de suicídio. No entanto, os autores não se limitam a ver a escola por esse viés. Ao contrário, eles apostam nesse espaço educativo como local de promoção, proteção e proatividade desses comportamentos contra a vida. Como apontamentos importantes da pesquisa, os autores nos mostram como a prevenção ao suicídio ainda demonstram certa vulnerabilidade que exigem uma melhor formação da comunidade escolar.

No sétimo artigo Cibelle Cristina Lopes e Silva e Roney Polato de Castro tomam as violências cometidas contra pessoas trans na universidade para colocar sob suspeita as formas de pensar e agir a partir da presença de corpos trans na universidade. Intitulado “Violências vividas por pessoas trans* na universidade”, o artigo é resultado de uma pesquisa de doutorado em educação que teve como foco de análise as vivências de estudantes trans na Universidade Federal do Maranhão, para discutir a presença das violências nas narrativas de estudantes, tais como o uso do nome social. A luta pelo uso do nome social é entendida como estratégica política de inclusão e permanência na Universidade, além de uma forma de resistência e luta por uma universidade que acolha, respeite e valorize a diversidade de gênero e sexual.

Na continuidade da Chamada Temática, temos um artigo em que o campo do currículo é entendido como campo de resistência à ofensiva antigênero na educação. Carolina Giovannetti e Shirlei Sales assinam o artigo “O currículo referência do estado de minas gerais: possibilidades de re-existência à ofensiva antigênero no ensino médio brasileiro”. Nele, o currículo de Minas Gerais para o Ensino Médio é tomado como referência para problematizar as questões de gênero. É a análise documental e

bibliográfica dos documentos curriculares do Ensino Médio – BNCC e CRMG – que é o foco das problematizações a partir dos estudos pós-críticos do currículo e do gênero, sob o argumento de que o currículo e o gênero são resultados de disputas, de tensões e imposições históricas. Para além desse entendimento, as autoras investem também em pensar as possibilidades de resistências e de inclusão das discussões de gênero nas políticas curriculares em Minas Gerais, ampliando o entendimento de currículo a partir da defesa de que ele é e pode ser um mecanismo de resistência.

No penúltimo artigo – “Do ódio à violência: como análise dos discursos de ódio podem contribuir para a reflexão sobre as violências escolares” – Rachel Pulcino coloca sob investigação as relações entre a construção e divulgação dos discursos de ódio na *internet* e suas articulações com as violências no espaço escolar. Partindo do pressuposto de que esses discursos são parte de um fenômeno contemporâneo, a autora defende a necessidade de estudos e pesquisas que problematizem as condições de emergência e de circulação dos discursos de ódio nas redes sociais. Por fim, o texto aposta nas resistências a partir das reflexões sobre as relações entre a produção e circulação do ódio na *internet* e o aumento das violências nas escolas.

Para encerrar o editorial, escolhemos o artigo de Nicolas Patierno. Intitulado “Convivir en la escuela: conflictos e intervenciones en secundarias de la provincia de Buenos Aires (Argentina)”, o texto se concentra nas análises de manifestações de convivências no ensino médio de quatro escolas na Argentina. Associando observação e literatura especializada, o autor reforça o caráter social das escolas, demonstrando como a convivência escolar se torna uma forma de reivindicação do espaço público e de democracia. Mais do que isso, como ela pode ser potente no combate as violências resultado do individualismo e da intolerância que assolam a atualidade.

Encerramos esse editorial de apresentação da Chamada Temática reafirmando nossa aposta na educação e no investimento na criticidade. Convidamos as leitoras e os leitores da Revista Imagens da Educação a refletir junto conosco sobre o fenômeno da Violência nas Escolas buscando traçar caminhos para a construção de resistências e inventividades face ao avanço do conservadorismo, do pânico moral e das ameaças às escolas.